

Idéia era criar shopping horizontal

A nova 116 ou 116 do Setor Hospitalar foi construída com uma proposta inovadora. A idéia era criar uma espécie de shopping horizontal, onde o trânsito entre os blocos, especialmente no subsolo, fosse facilitado. "O modelo é muito comum em países desenvolvidos, como os Estados Unidos", explica Ari Mafra Filho, gerente comercial da Caenge (Construção, Administração e Engenharia), empresa proprietária de três dos cinco blocos.

Houve todo um cuidado com a arquitetura dos edifícios, construídos em trincheira, como define Mafra. No subsolo, foram criados jardins, montando vários ambientes agradáveis, sendo que, em alguns deles, foram colocados até mesas e bancos. Na decoração desses espaços foram utilizadas dormentes de trens adquiridas em um leilão da Rede Ferroviária. Na verdade, toda a área é muito bem cuidada, havendo atenção até para a colocação de cinzeiros acoplados aos cestos de lixos, espalhados por toda a comercial.

Cada bloco recebeu o nome de uma árvore — Flamboyant, Castanheira, Maracá, Buriti e Cedro. Segundo Mafra, pretendia-se dar nomes de plantas às pequenas praças montadas no subsolo, o que acabou não ocorrendo. Tanto que, ini-

cialmente, o local foi batizado de Garden (Jardim) Shopping.

A proposta, segundo Mafra, era que o subsolo funcionasse como uma espécie de Rua 24 horas, com a predominância de prestadores de serviços diversos, como chaveiro, por exemplo. "Seria um comércio de conveniência", explica o gerente. Isso seria facilitado, de acordo com ele, pela ligação entre todos os blocos, levando diretamente ao estacionamento localizado entre a 116 e a 316. "Este bolsão de estacionamento não existe em nenhuma outra quadra do Plano Piloto e foi criado justamente para facilitar a vida do consumidor", avalia Mafra.

O projeto, porém, não foi para a frente, segundo Mafra, por falta de unidade. "Para que as coisas corressem como o planejado, era necessário que fosse instalada uma administração única, mas em um dos blocos, o Cedro, as lojas foram vendidas para os comerciantes", conta o gerente da Caenge. O Flamboyant, por sua vez, se encontra em meio à partilha de uma herança e está com todas as suas lojas desocupadas. Mafra acredita, porém, que as coisas devam mudar nos próximos meses com a chegada de alguns novos empreendimentos ao local. (N.C.)